Edições Seara Vermelha

"UM DOS PRIMEIROS..."

"UM DOS PRIMEIROS..."

Edições Seara Vermelha

"De onde senão da classe é que surgiu o Partido. De onde senão do povo é que surgimos nós, os combatentes. Quem nos veja e tenha olhos para ver, quem nos ouça e tenha ouvidos para ouvir ficará rapidamente convencido que nossa guerra dirigida pelo proletariado é uma guerra camponesa feita por homens e mulheres saídos das entranhas desta terra chamada Peru."

PREFÁCIO PARA A 2º EDIÇÃO BRASILEIRA

O pequeno texto "Um dos primeiros...", que retraduzimos e trazemos novamente ao público em português atravessou uma longa jornada, e sua primeira edição no Brasil teve um impacto significativo entre revolucionários e comunistas.

O texto original foi resgatado pela jornalista catarinense Rosana Bond em abril de 1985 de dentro da prisão de El Frontón, no Peru, e publicado depois como anexo no seu livro "Sendero Luminoso – Fogo nos Andes", publicado em 1991. O tema do livro, e a publicação desse pequeno material é por si só um ato de rebeldia, já que na imprensa monopolista e comercial da época, o Partido Comunista do Peru, apelidado pela reação como *Sendero Luminoso*, foi endemonizado e sempre tratado como uma organização terrorista e criminosa. Simplesmente falar do PCP sem alcunhas e prefixos como terroristas, fanáticos ou assassinos já era um grande ato de coragem.

Esse livro teve uma pequena circulação e não estava disponível em qualquer livraria, porém encontrou comunistas maoistas brasileiros que o copiou as dezenas e que resolveram transcrever o texto, mesmo sem a autorização ou um contato com a jornalista, que não conheciam na época.

Surgiu assim, por falta de mais edições do livro, essa primeira e pequena edição separada do anexo "Um dos Primeiros...", com uma introdução assinada por um enigmático "Camarada Armando". Na capa, um colorido mural do PCP para as campanhas de boicote às eleições peruanas do início da década de 1980.

Essa edição brasileira de 1995 foi como um raio em céu azul para muitos jovens da época. Em meio ao clima de "Fim da História" e de derrotismo ideológico da esquerda eleitoreira, encontravam uma pulsante ação conduzida por um Partido Comunista.

Para muitos que eram jovens em 1995, esse pequeno livro, quase um folheto, era a inspiração para uma Revolução no Brasil, era o caminho que procuravam para superar a inércia, o oportunismo e a hesitação da falsa esquerda oportunista eleitoreira.

O processo de Reconstituição do Partido Comunista do Brasil (P.C.B.) como autêntico Partido Comunista marxista-leninista-maoista militarizado teve início nesses anos por comunistas maoistas mais experientes, mas para muito jovens, a pequena saga de Miguel, Carmela, Andrés e os outros jovens guerrilheiros narrada em "Um dos Primeiros...", foi o combustível, lido e relido inúmeras vezes, para que vibrássemos com os futuros combates da Revolução Brasileira.

A retradução que apresentamos tem alguns ajustes importantes, mas procurou respeitar o fundamental da tradução apresentada pela Rosana Bond em 1991. Como pudemos ter acesso ao manuscrito original, modificamos algumas palavras, que na primeira tradução haviam sido trocadas. Por exemplo, a palavra *camarada* não aparece no manuscrito, e sim a palavra *companheiro*, já que camarada se refere a membros do Partido, e aquela ação foi realizada pelo Exército Guerrilheiro Popular. Nem todos os combatentes eram membros do Partido. Camarada é uma palavra exclusiva para o tratamento entre membros do Partido Comunista.

Alguns termos receberam explicações mais detalhadas e alguns mínimos ajustes.

Também preparamos um pequeno mapa da região onde ocorreu a ação. Nesse aspecto vale destacar a atualidade do título "Um dos Primeiros...", já que a ação narrada fez parte das primeiras ações dirigidas pelo PCP, mas que seguem até os dias de hoje. As terras das fazendas Ayrabamba e Ayzarca seguem ocupadas pelos camponeses que disputam o reconhecimento de sua posse até hoje. O impacto daquelas ações, quase 40 anos depois, seguem seu destino e encontrarão no momento certo o desfecho sonhado por Andrés e seus companheiros naquele glorioso dia do princípio da década de 1980 em que jovens camponeses se ergueram como condores e sob a direção do Partido Comunista ousaram desafiar o velho e apodrecido Estado peruano.

Nossa profunda gratidão aos heróis revolucionários peruanos que escreveram essas páginas com seu intrépido combate de classe e esperamos que o coração revolucionário de outros jovens brasileiros batam forte com essas linhas, como em 1995, bateu para muitos de nós.

Brasil, Novembro de 2021

Um anônimo

APRESENTAÇÃO

"UM DOS PRIMEIROS..." é o nome de uma crônica que retrata acontecimentos da vida e história recente do Peru. Ela foi escrita em dezembro de 1984 por um prisioneiro de guerra, encarcerado no presídio da Ilha de Frontón[1].

Baseada no relato de "Andrés", guerrilheiro do Partido Comunista do Peru, como ele, conta uma ação armada, em que participou, realizada pela guerrilha em algum lugar dos Andes, no ano de 1981. Na sua simplicidade "Um dos primeiros..." irradia uma grandiosa força, cheio de vida e fé inquebrantável no ser humano, na luta contra a opressão e pela liberdade. Fatos ocorridos no ano de 1981, quando a guerrilha dava seus primeiros passos, revelam de forma vigorosa o desenvolvimento da luta armada no Peru, e em parte explicam o porquê, da solidez de um processo feito pelas mãos do povo em mais de 15 anos de gloriosa guerra popular, apesar de todo aparato de desinformação, mentira, difamação e repressão bárbara lançado contra ela. Os fatos desenrolados em "Um dos primeiros..." expõem com simplicidade e grandeza toda a profundidade da construção do Partido Comunista do Peru, nesta fase transcendental de sua existência, emanada da luta secular do povo peruano, de sua civilização milenar, do marxismo-leninismo-maoísmo e encarnada na figura de seu dirigente supremo Abimael Guzman, o Presidente Gonzalo. A decisão ardente de lutar, o amor pelo povo, a determinação em dar a vida pelo Partido e pela revolução de toda uma militância – fatores presentes em todos os processos revolucionários da história – estão ali fervilhando e pulsando.

A tragédia que forjará a vitória e o dia glorioso que já vem vindo, protagonizada pelas massas populares sob a chefatura do Parti-

---

1 Ilha de Frontón: Campo de concentração temido, maldito. Desativado no início do governo de Belaúnde Terry em 1980, foi reaberto pelo mesmo presidente para recolher guerrilheiros do Sendero Luminoso, a partir de 1982.

do Comunista do Peru, tornou-o o alvo de toda a fúria ensandecida da reação sanguinolenta interna e do ódio tecnologicamente planificado do imperialismo. A grande caminhada heroica e luminosa da guerra popular, dirigida pelo Partido Comunista do Peru, exposta singelamente neste pequeno libelo, vem sendo pintada pela matilha reacionária, num festival de histeria internacional, como obra de selvagens e criminosos terroristas.

Mas não só a reação se horripila de pavor da guerra popular, também sua força auxiliar, os revisionistas, incapazes de compreender a revolução, se lançam numa cruzada impiedosa contra o que, envenenados e raivosos, eles próprios denominaram de "Sendero Luminoso". Foi feito pelas mãos de um guerrilheiro, no presídio da Ilha de Frontón e foi tirado de lá pelas mãos de uma jornalista brasileira, Rosana Bond que o transcreveu em seu livro "Sendero Luminoso: Fogo nos Andes". O autor anônimo deste trabalho, juntamente com os mais de 350 prisioneiros da Ilha de Frontón, Luminosa Trincheira de Combate, como denominam os guerrilheiros os cárceres, foram massacrados por bombardeios da marinha em julho de 1986, na ação do genocida governo Alan Garcia. "UM DOS PRIMEIROS..." encerra uma rica lição para os que empreendem o caminho da luta revolucionária, abraçam a militância de corpo e alma, vivendo e morrendo pela revolução, para edificar o novo mundo, o socialismo e o comunismo.

Camarada Armando

Rio de Janeiro, setembro de 1995[2]

2 Essa apresentação fez parte da primeira edição de 1995, contém alguns equívocos da época: não era sabido o lugar exato das ações e curiosamente o nome do Presidente Gonzalo foi grafado como "Gonçalo", com Ç. Esta foi a única alteração feita, de resto a introdução está tal como a versão original, da primeira publicação.

De onde senão da classe[1] é que surgiu o Partido? De onde senão do povo é que surgimos nós, os combatentes? Quem nos veja e tenha olhos para ver, quem nos ouça e tenha ouvidos para ouvir ficará rapidamente convencido que nossa guerra dirigida pelo proletariado é uma guerra camponesa feita por homens e mulheres saídos das entranhas desta terra chamada Peru.

À guerra, como todo fenômeno material, e mais ainda social, está sujeita a leis e passa por todo um processo de desenvolvimento do princípio ao fim. A nossa tem suas próprias leis e características específicas. A incorporação das massas segue sua lei, é crescente. O próprio início não o teríamos feito se não houvéssemos contado com elas.

Assim, combatentes filhos do povo e de nossa mãe que nos deu a vida, somos protagonistas do que ocorre no Peru desde 17 de Maio de 1980, sem falar dos preparativos e antecedentes da Guerra.

O Partido Comunista do Peru gerou o Exército, e este, o Exército Guerrilheiro Popular, como coluna vertebral do novo Estado que está se estruturando no coração dos Andes, é o instrumento principal através do qual se cumprem as tarefas políticas da revolução, estabelecidas pelo Presidente Gonzalo e sob a direção absoluta do Partido.

Nossas poderosas forças armadas revolucionárias tiveram que passar por um progressivo desenvolvimento, desde grupos sem armas, destacamentos e pelotões até o que é hoje: o EGP.

Daqueles momentos, quando não havia companhias nem batalhões, é que trata o presente relato.

---

1 Quando o autor diz "a classe", está se referindo à classe proletária, o proletariado.

"UM DOS PRIMEIROS..."

Correm os dias finais do primeiro mês da primavera. Os preparativos para a celebração do 56.° aniversário do nosso Partido se intensificam. Já estão terminando as apresentações de poesia, dança e música. O sol quer nos derreter. Nos protegemos improvisando sombras com lençóis e colchas, dando assim, inclusive, um peculiar colorido a este lugar.

Ao soar a singular sirene – que a rigor não é isso – organizamos o material de produção e nos apresentamos para pegar os alimentos.

Entoamos nossa canção "Grande Salto" e uma vez mais fazemos retumbar este campo de concentração com a contundente agitação armada que diariamente expressa nossa alta moral e alarma, assusta e enche de ódio os esbirros.

Aqui estamos concentrados, de todas as partes do país, desde abril de 82. O governo reacionário diz que é para "maior segurança". A verdade é: para isolar-nos e aniquilar-nos, negro plano contra o qual resistimos e combatemos.

Fomos até os companheiros encarregados neste dia de preparar o almoço, cumprem alegremente a sua tarefa. Meio prato de nabo e cenoura ralada e um punhado de cancha[2].

A reação aplicando crueldade e burlando-se da gente intensifica o desvio de querosene e víveres e chegou ao criminoso corte total da água, com o negro objetivo imediato de impedir a celebração do 7 de outubro, que já tinha sido previsto pelo Partido.

O EGP, armado principalmente do Pensamento Guia do Presidente Gonzalo, nosso mando supremo, está pronto para superar todo o tipo de dificuldades e vencê-las. Nossa fortaleza é pela nossa ideologia

2 Cancha é um milho típico dos Andes, geralmente servido torrado e como acompanhamento.

e a política que dela deriva e não pelo que temos no estômago. E que outras coisas podemos esperar destas hienas que sonham em vão em afogar em sangue a Revolução?

Somos combatentes, parte das legiões de ferro do EGP, em transitória condição de prisioneiros de guerra. Nos sentimos orgulhosos, contentes e fortalecidos pelo avanço incontível de nossa revolução e da magistral direção do Presidente Gonzalo.

Estamos acabando de almoçar e, assim como as demais aparatos, seguimos com atenção a leitura de artigos selecionados e recomendados pelo Partido. O Mando Político lê um que diz: "Subversivos arrasam e matam 30 paramilitares".

Naturalmente, estas notícias, que por motivos comerciais são feitas por alguns jornais, acontecem dentro do grande êxito da maior ofensiva desenvolvida pelo Partido nos 4 anos de luta armada. Vivemos momentos de ardorosas vitórias e adentramos ao coração das batalhas para alegria de todo o povo revolucionário.

No comentário se evocam experiências afins. Nesta Luminosa Trincheira de Combate há uma constelação de belos testemunhos de nossa Guerra Santa que reproduzem aqueles momentos, cenas, retratos, ações heroicas, a palavra armada do Partido.

Andrés, assim como Armando, Juvenal, Edgard e Antônio estiveram trabalhando no teatro principal da guerra. Eu ainda não e presto uma particular atenção a suas memórias. Inicialmente não era minha intenção escrever, mas agora não pude vencer a tentação.

I

Ayacucho, departamento da região serrana e central do país, é testemunha de muitos anos de trabalho do nosso Partido. Como todo o Peru, guarda em seu seio a rica tradição de luta do povo.

Nunca silenciosa espera. Um povo que jamais renunciou à luta. Esse é o nosso.

Flagelado pela miséria, população indômita, atrevida, ousada, valente e heroica. É só lembrar que ali foi selada a independência do jugo colonial espanhol.

Ocupa a vanguarda de nossa Guerra Popular Revolucionária desde que o Partido fez soar os tambores da rebelião armada, continuando assim a secular luta camponesa pela terra.

O coração dos camponeses pobres, principalmente, bate vívido e contente ao ver avançar as águias em que eles mesmos se transformaram. Chegou a hora de conquistar a terra e tomar o poder político.

As bandeiras vermelhas com foices e martelos flamejam, levantam e agitam violentamente: A Rebelião se Justifica! Elas enfurecem o inimigo, que se antes chegavam a dependurá-las, hoje rogam por não encontrarem com uma. Para o povo, elas anunciam o futuro que hoje mesmo estamos concretizando.

Mais de 16.000 ações bélicas marcam 4 anos de Luta Armada vitoriosa. As chispas cresceram na fogueira luminosa. Fogo estendido de fora a fora em nossa pátria. Trombetas e tambores de guerra ao compasso do troar dos combates embalam a melodia mais linda.

Em 1980, a população aprendeu a recolher-se cedo em suas

moradas. O contínuo envio de *Sinchis* e *Llapan Atic*[3] e de dedos-duros da PIP[4] enfurece a população. Rapidamente mudam a vida comum. Os abusos e a prepotência, o roubo e a violação, não podiam gerar menos. Como úlceras no organismo, aparecem essas bestas. As discotecas e os bares veem decair rapidamente os seus ganhos. O vendedor comum da esquina enruga a testa à sua presença.

Nestes tempos, se bem que nem todos compreendiam em sua real dimensão a Guerra Camponesa em marcha – isso necessitaria de um maior desenvolvimento da mesma – tinham na verdade um instintivo e mais que justificado rechaço às forças da velha e apodrecida ordem. Seu ódio crescia e cresce sem cessar.

Como rastilho de pólvora correm as notícias das ações do Partido. Na boca de todos caminha hoje o incêndio das urnas em Chuschi[5]; as sabotagens derrubando as torres de microondas; ataques a gamonales[6] de novo e velho tipo em Ayrabamba e Ayzarca amanhã; depois de amanhã golpes na Capital, etc.

Assim, os camponeses já não só caminham com suas *talegas*[7] ao ombro, mas também levam as boas novas que vão regando por toda a região e mais além dela.

Começa o ano de 1981 e também uma nova fase: Desenvolver a Guerra de Guerrilhas. Em um primeiro momento: Abrir Zonas Guerrilheiras.

Ali onde ser jovem se converteu em delito para a reação, ali onde o dedo do alcaguete pretende semear o terror, vive e reina a deci-

---

3 Sinchis e Llapan Atic foram as unidades militares utilizadas para reprimir os revolucionários peruanos. Foram responsáveis por diversos massacres e abusos contra a população camponesa.

4 PIP – *Policia de Investigaciones del Peru*, conhecida também como "Polícia Secreta".

5 Em 17 de maio de 1980 o PCP realizou uma ação em que foram queimadas as urnas eleitorais no distrito de Chuschi, em Ayacucho, marcando o início da luta armada.

6 Gamonal é o termo utilizado para definir o latifúndio e o sistema semifeudal que ainda se mantêm no campo peruano.

7 Talega é uma bolsa tradicional de pano utilizada pelos camponeses para transportar utensílios e produtos.

são firme e valorosa dos melhores filhos do povo, dispostos a construir os mais altos e belos edifícios.

São dez da manhã. O ano começou e é muito promissor. A guerra segue sua própria lei de desenvolvimento e o que não sabemos hoje, saberemos amanhã.

Perto da saída de Ayacucho, nove companheiros, dos quais o mais velho não chega aos 25 anos, nos reunimos em um quarto. Três éramos alunos de um mesmo colégio, mas nunca havíamos pensado em nos encontrar ali. Nico e Nacho estavam um ano mais adiantados. Entre os seis restantes estava Enrique, um vizinho meu. Julio e Miguel eram primos e ao chegarem Maria e Pedro, somos apresentados rapidamente. Com Luis, o morador da casa, se completa a assistência.

Aqui o assunto é concreto. Todos tínhamos participado de tarefas e ações. Pichações; colagem de cartazes; suspensão de bonecos do "bavieta belagogo"[8] e de cachorros Teng Siaoping, excrementos humano; distúrbios; hasteamento de bandeiras vermelhas com foices e martelos; preparar armadilhas, etc. Eram ações mais ou menos simples, ainda que alguns já tinham trabalhado com "chocolate"[9] e até uma pistola já haviam tido na mão.

— Se trata de uma ação importante a que vamos realizar — começa dizendo Maria — e vocês foram chamados para levá-la adiante. O que queremos escutar de vocês é, concretamente, a disposição de cada um. Sabem bem que o Partido sempre parte da atitude consciente de seus combatentes para incluí-los nas tarefas. Ninguém é indispensável.

O tom com que ela fala denota uma alta maturidade. Jovem, e além disso bonita, parecia estar curtida por longos anos de guerra. Mas, ainda não havia completado um ano, a nossa. Acontece simplesmente que em guerra se aprende com presteza e prontidão.

Aquela casa nos viu partir, não sem antes havermo-nos expres-

---

8 Bavieta Belagogo faz referência a um personagem humorístico popular na televisão peruana que imitava o presidente Fernando Belaúnde Terry (1980-1985)

9 Dinamite

sado com o firme compromisso de cumprir o que foi definido pelo Partido. Era de se supor que isto seria mais delicado que tudo o que anteriormente havíamos feito. O que era? Alguns tinham mais experiência que outros, no entanto o denominador comum era a alta sujeição ao Partido e a vontade inquebrantável de ser instrumentos do cumprimento das tarefas políticas da revolução.

Nossa política e esse coração que bate pelo povo é oposto ao espírito aventureiro. Temos ideologia, temos uma causa e um objetivo: a conquista do poder político para a classe e o povo. Nós sabemos o que fazemos.

Saímos sete companheiros da casa. Maria e Pedro ficaram. Esperavam algo ou alguém. Tinham outras responsabilidades. Miguel se responsabiliza pelo grupo provisoriamente.

Tomamos um mesmo carro-coletivo rumo a Huanta. Não levávamos nenhum documento pessoal. Entre contentes e pensativos íamos vestidos esportivamente. Brincávamos com insistência desde que começou a viagem. Estávamos alegres. A bola branca com gomos pretos que nos acompanha desperta a ideia, nos outros passageiros, de que estávamos na véspera de jogar uma partida de futebol e certos do triunfo.

Ainda não conhecíamos o plano de ação, o ponto a atacar tampouco. A experiência assim nos ensina. Planos, endereços, nomes, datas devem ser guardados no maior segredo. Conhecer só o que se deve e não tudo o que se pode. Assim educa o Partido.

Antes da ponte – além da qual está o posto de controle da GC – descemos[10]. O lugar é conhecido como Tablachaca. A posição do sol nos diz que ainda não é meio-dia. Vamos pela margem direita da ponte. A terra espera impaciente a temporada de chuva, que está um pouco atrasada. Algumas chacrinhas[11] mostram que fizeram um segundo

10 GC – Guarda Civil.

11 Chacrinha: Pequena propriedade campestre em geral perto da cidade com casa de habitação.

alporque[12]. Só alguns lugares têm um matiz verdoso. Não havíamos caminhado 20 minutos quando aparecem duas pessoas, era o casal de guias, Carmela e Hernán. Júlio se adianta.

— Oi, tudo bem. Esperaram muito?

— Não — responde Hernán — acabamos de chegar. Aqui está o que compramos. Algumas coisas para o caminho.

Carmela, por sua própria iniciativa e devido ao seu temperamento, aproximou-se de nós que estávamos chegando, nos deu a mão e um beijo carinhoso no rosto de cada um. Ela mesma nos apresentou a Hernán, como se fosse uma velha conhecida nossa. Assim a manhã ficou mais alegre.

O sol andino que queima, mas não esquenta, nos diz que já é meio-dia. Carmela confirma.

— Trouxeram os "fierritos "? — interroga ela a Miguel.[13]

— Sim — diz ele — Dois firmes e um de brinquedo.

— De qualquer forma, temos que passar pelo controle — comunica-nos Hernán — a bola podemos deixar por aqui. Para não despertar suspeitas passaremos um a um. A GC continua caçando borboletas com os olhos fechados.

Com um intervalo de dois minutos partimos. Com suma naturalidade passamos pelos seus narizes. Em vinte e cinco minutos estamos todos à vista. O Estádio Municipal de Huanta – que hoje é um campo de concentração sinistro onde se assassina e tortura 24 horas por dia – nós o atravessamos em fila indiana. Perto já da cidade huantina avançamos pela encosta de um monte ganhando altura pouco a pouco. Carmela e Hernán estão na cabeça.

Havíamos caminhado mais ou menos uma hora quando a companheira inesperadamente tropeça e cai ao solo. Machucou seu rosto

---

12 Alporque: Tipo de reprodução vegetal que consiste em enterrar um ramo de planta ainda preso a ela, para constituir depois de enraizado um novo exemplar, uma vez separado da planta-mãe; mergulhia.

13 "Fierritos" significa armamentos.

branco com as pedras diminutas. Eu, que tenho algum conhecimento de primeiros socorros, assumo o socorro imediato, com o material que Enrique trazia em sua bolsa.

Estava lacerada, sangrava a sua pele manchada pela poeira. Era preciso limpá-la para prevenir uma infecção.

Pela primeira vez miro seus olhos. Começando o diálogo, lhe digo:

— Vai doer um pouquinho.

— Não se preocupe companheiro, ao invés disso apressa o que precisa fazer — responde ela.

— Aposto que você não tem mais que vinte anos — lhe digo enquanto limpo a ferida com gaze e água oxigenada.

— Tenho 19, e com certeza é mais do que você tem — disse séria.

Seus olhos astutos, protegidos por compridas e eriçadas pestanas, parecem falar por ela. Está transbordante de juventude. Causou-me admiração e simpatia. Queria ter falado alguma coisa mais, porém o curativo já termina.

— Vai arder — lhe repito.

— Já te disse que não te preocupes.

— Ai... — gritou em seguida. Rimos.

Depois de aplicar o merthiolate[14] e cobrir com gaze o machucado, empreendemos a marcha de novo, não sem antes receber seu agradecimento em silêncio, só um olhar e um sorriso inocente.

Retomamos a rota. Hernán e ela sempre na frente. Júlio e Miguel lhes seguem. Logo vamos os demais. Caminhamos toda a tarde sob o céu azul e desfigurado pelas nuvens escuras que anunciam uma volumosa chuva para o entardecer.

Fazendo cinquenta minutos de caminhada por dez de descanso

---

14 Merthiolate é um medicamento de ação antisséptica que era usado na década de 1980 para fazer curativos.

fomos vencendo um e outro cume. Em cada parada não era necessário nos agrupar, já que não nos perdíamos de vista. Na pedra ou montículo mais próximo deixávamos cair o peso do corpo.

À medida que se aproximava as seis da tarde, o sol e seu resplendor decaíam, rapidamente a tarde esfria. Escuras nuvenzonas estão sobre nós. Começa cair o granizo e com tal intensidade que logo as serras nuas foram tingindo-se de branco. A chuva não se fez esperar, acompanhada de raios vertiginosos cujos trovões e relâmpagos majestosos gravam no firmamento o grito guerreiro de um novo mundo que abre caminho incontível, como quando a aurora termina com as penumbras da noite.

A tupida[15] escuridão vai chegando tão compacta e insolente que logo é impossível distinguir-nos a mais de um metro. A fila indiana se encolhe. A marcha não se detém, até que os guias decidem usar uma dessas casinhas destruídas pela inclemência da natureza. Não é raro topar-se com elas nas alturas de nossa serrania. Servem para acolher os pastores, os que transportam gado, e também os arrieiros[16].

Nos servimos dela para refugiar-nos por um momento. Os rostos estavam empoeirados. Havia atuns trazidos por Hernán. Ele e Enrique, que tinham uns pacotes de biscoitos, abrem as latas com rapidez. Não acendemos fogo. Não só porque demoraria, mas também porque é perigoso e podia deixar um sinal da rota que seguíamos. Entre comendo e conversando fomos pegando os plásticos negros que cada um trazia. Carmela havia se dado o trabalho de costurar uma espécie de capuz que protegia sua pequena cabeça.

— Daqui em diante é preciso ter mais cuidado e acelerar mais o passo, não se atrasem — fala Carmela com seriedade. — De vez em quando cantaremos. O que saiba e queira assobiar pode fazê-lo, não há problema.

---

15 Densa.

16 No original, *arriaje*. O autor se refere às pessoas que se dedicam ao transporte de produtos através do campo andino.

— Todos sabem "O Guerrilheiro"[17], não? — pergunta Hernán.

— Eu não — diz Luís.

— Aprenderá rápido, não se preocupe — diz ela.

Vinte e cinco minutos haviam passado e depois de recolher as coisas e não sem antes ter enterrado as latas, seguimos caminhando a uma distância mais curta.

Ao sair penetramos na noite que continua agressiva como se estivesse se queixando por todo o opróbrio que ainda existe sobre a Terra.

Duas ou três horas caminhamos. Frente a nós outra surpresa aparece. Uma capelinha próxima à sua cruz.

— Aqui sacudimos o barro e colocamos jornal por todo o corpo. O frio penetrante vai doer até os ossos. Por certo ninguém se queixa disso. Sempre nos ensinaram que a firmeza em suportar as fadigas e as privações é a primeira qualidade do combatente, forma parte da escola de guerra do guerrilheiro.

Fumamos uns cigarros: Carmela, ao tratar de amarrar os sapatos arrebenta um dos cadarços.

— Poxa, caramba — todos a enchemos de zoações.

— Tem muita potência, essas suas mãos, companheirinha.

— Coitadinho do seu companheiro — agrega Enrique.

Todos rimos.

— Isso não é coisa para tanto barulho — diz ela — É que esta *pita*[18] estava já com problemas desde ontem.

Todos quiseram tirar seus cadarços para dar-lhe.

— Obrigada, vocês são muito atenciosos, mas já resolvi o pro-

---

17 "O Guerrilheiro" é uma música revolucionária peruana, inspirada na sua versão original, cantada pelos guerrilheiros soviéticos que lutaram contra a invasão nazifascista da URSS. É internacionalmente cantada, em diferentes versões, por comunistas e guerrilheiros do mundo.

18 Barbantes, cadarços.

blema. Veem?

E de fato foi assim.

— Não pensem que acredito que sou autossuficiente. Mas é que o Partido ensina que sempre e em tudo temos que partir das próprias forças para resolver as dificuldades. Até em minúcias como esta. Ficaram chateados?

Olhamo-nos e sorrimos.

— Que bom, que bom — diz — Então caminhando, caminhando e desta vez cantando.

Vamos deixando atrás alguns povoados. De longe, nas alturas, os distinguimos com dificuldade. De nenhum modo podíamos nos aproximar deles, mesmo que em todos esses lugares houvesse trabalho do Partido. Marchávamos contra o tempo e contra toda possível suspeita.

Cantávamos "O Guerrilheiro", "Bandeira Vermelha"[19] e outras. E no silêncio nossas vozes ressoam. Os guias sabem que estas alturas estão despovoadas. Quase sempre era ela que iniciava, com sua doce e fina voz, a nova melodia. O tom que dava convidava a segui-la de imediato. Cantar é lindo, não se concebe a vida sem canto, como tampouco o dia sem sol ou a primavera sem flores.

As horas com seus minutos e segundos passam. Quase não nos detivemos. Era perto das 11 da noite.

O cansaço, a sede, a fome, a umidade, o barro sobre os sapatos e os tênis incomodam o corpo, mas afirmam mais a decisão de prosseguir. Sabemos que a vitória é sempre de quem mais persiste. Nossa convicção se fortalece com cada passo que damos.

Acende-se e se apaga a lanterna para não nos perdermos. Os guias a usam sempre para indicar o caminho. De quando em quando se escuta Carmela dizer:

— Olho no guia, olho no guia.

---

19 Bandeira Vermelha é uma canção revolucionária peruana inspirada na canção comunista italiana "Bandera Rossa"

Todos olhávamos para o guia, melhor dito para a guia. Mais adiante talvez possa conversar algo mais com ela, eu pensava.

A sede, essa sede que sabem ter os caminhantes, é superada ao se ter os cinco sentidos apontando a um só objetivo: cumprir com o dever revolucionário. A sede foi mitigada com pequenos punhados de *ronto*[20]. A granizada já nos acompanha a mais de 5 horas. Não paramos.

Distante se nota o reflexo das lagoas. Deviam ser as que se criam pela chuva e pelo granizo que caem. Um brilho viscoso aproxima nossa imaginação a ela. Era uma noite sem estrelas e sem lua. As nuvens formam uma abóboda que circunda toda esta paragem noturna. A terra dentro da carcaça do universo.

— Ai! Ai!

— O que aconteceu? pergunta Hernán.

— O que ocorre? acrescenta ela.

Todos nos juntamos. É um momento de tensão.

— Miguel escorregou — diz Júlio — rolou por aqui... escutem... escutem... está fazendo barulho. Temíamos o pior. Felizmente mordendo a terra conseguiu ficar preso nela, como os caracóis na profundidade do mar. Às vezes é suficiente um passo errado para terminar teus dias no fundo de nossos enrugadiços Andes. Ficou como um touro embandeirado cheio de espinhos de cactus e esfolado. De qualquer forma era o menor dos males. Enrique, Júlio e eu nos aproximamos com cuidado até ele, auxiliados pela lanterna que Carmela segura. Já em cima piora, com vômitos e tonturas. Se sente mal, muito mal. É o bendito *soroche*[21]. É tão cansativo e se tornava ainda pior nessas circunstâncias. Carregamos-lhe até um refúgio natural para atendê-lo e aguardar a sua recuperação. Chupou dois limões e ficou melhor. Agora sim sentíamos falta da capelinha ou da casinha de barro.

Houve um atraso de uma hora. Já era o limite e nem bem deu sinais de restabelecimento prosseguimos com pressa.

---

20 "Ronto", granizo.

21 Soroche é o chamado "mal das alturas", perturbações orgânicas provocadas pela escassez de oxigênio.

Carmela e Hernán na cabeça insistem para que não nos afastemos muito. Suas palavras estimulam pela energia que carrega. Novamente ela começa a cantar. Todos a seguimos.

Na verdade íamos cheios de coragem. Da correta compreensão do que fazíamos derivava nossa firme convicção. A responsabilidade pelo dever supremo fortalece nossa apaixonada entrega.

Caminhamos toda a noite. Não se apresentaram mais contratempos. Ensinamos a natureza a obedecer aos guerrilheiros. Eram cerca de 4 da madrugada. Começamos a descer com cuidado uma inclinada ribanceira. Depois de várias horas avistamos uma luz. Estava distante. Nós que não conhecíamos a zona pensávamos que íamos em direção a ela. Seguíamos baixando e, no entanto, ela mais se afastava. De repente colocou-se sobre nós, até que desapareceu.

Na parte baixa do morro, em suas fraldas, quase no plano, uma humilde morada com um bico de lampião aceso no interior, nos esperava. Em torno da luz, 5 companheiros consomem alguns cigarros. Dois revólveres calibre 38, semi-desarmados, são limpos cuidadosamente. O dono da casa, sua companheira e filhos, logo se levantaram para cobrir um novo dia de trabalho. Um pouco de água se mantém quente sobre um fogão com bosta, a miséria não lhes permite comprar lenha. Toc... toc... toc, fizemos soar a porta.

— Pitacc chay (Quem é?, em quéchua)

— Já está amanhecendo paisano — lhe responde Hernán. Era o sinal-chave. Imediatamente se abre a porta.

— Que bom vê-lo de novo — diz Carmela ao *taita*[22] — Adrián. Imaynalla tacckach kanki, compafieru. (Como está, companheiro?)

— Allinllam compaíiera, allinllam. (Bem, companheira, bem). Os outros lhes esperam — diz Adrián em voz baixa.

Com todos dentro recebemos a cálida saudação do *taita* e dos 5 companheiros que, impacientes, mas seguros que chegaríamos, nos

22 *Taita* é um tratamento carinhoso em quéchua que significa "pai" ou "senhor", conforme o caso.

esperam. Nossas frias mãos estreitaram fortemente as deles.

Molhados mesmo nos acomodamos para descansar. Claro que não pudemos dormir. Já amanhecia e a maior parte das roupas se secou sobre o corpo. Cedo, para fazer nossas necessidades, saímos com um mesmo poncho cor de noz e puído pelo tempo – o de Adrián, com o objetivo de não despertar suspeitas. Logo com um mesmo baldezinho de água lavamos a cara a conta-gotas.

Os primeiros raios solares derretem a capa de granizo que junto com a água empoçada davam origem a uns arroiozinhos que seguiam um curso disforme. Alguns de nós só agora, pudemos nos ver. Na madrugada havia sido pouco menos que impossível.

Duas crianças de 3 e 4 anos respectivamente, descalças e com as carinhas queimadas pelo clima estão deitadas ao lado de Asunta, companheira de Adrián. Mulher de traços firmes, expressão jovial e olhar desafiante. Herdeira da rebeldia de Micaela Bastidas[23]. Asunta estava atuante desde a sua incorporação ao Movimento de Camponeses Pobres, parte do mar armado de massas que o Partido Comunista organiza e dirige. Apressada e ágil se move próxima ao fogo. Falava tão rápido o quéchua que apenas se entendia que estava mandando seus filhos brincar fora. Eles não a obedecem.

Eram nove ou dez da manhã, quando fomos chamados para o café da manhã. Ficamos em torno de uma mesa pequena. Apenas deixou os alimentos. Asunta e seus filhos saíram em busca de Adrián, a quem já não vimos quando se fez dia. Uma sopa de batatas e favas meio cruas, um pequeno pedaço de carne seca e um chazinho de camomila nos restabeleceram as energias. Demoramos um bom tempo para comer tudo isto.

Os companheiros revolucionários são capazes de dar tudo quando se incorporam à luta. O fazem com fé e com a segurança de que sua emancipação social está em marcha e eles são seus próprios atores.

---

23 Micaela Bastidas e Tupac Amaru II lideraram a maior rebelião colonial no Vice-reinado do Peru, entre 1780 e 1783. Essa rebelião popular foi um precedente das guerras de independência da América espanhola.

Era bárbara a fome que tínhamos. Tratamos de não fazer ruído. Ao cabo de um tempo somos chamados a prestar atenção. Frente a todos se colocam 2 companheiros, Jorge e Carlos, Mando Político e Mando Militar, respectivamente.

— Companheiros — começa Carlos — chegou o momento de mostrar o plano da ação que vamos cumprir hoje e para o qual estamos aqui reunidos.

A serenidade se sobressai em toda sua expressão. Continua:

— Não é necessário que anotem. Prestem muita atenção ao que se vai dizer. Companheiros, em nome do Camarada Gonzalo, nossa Chefatura, e do Partido Comunista do Peru, o heroico combatente, está aberta esta reunião... Em primeiro lugar é necessário que vejamos o conteúdo político do que vamos fazer, e neste sentido o Mando Político tem a palavra.

— Bem, companheiros. Somos combatentes do povo, parte das Forças Armadas revolucionárias, dirigidas absolutamente pelo Partido Comunista, por isso expresso minha saudação e alta sujeição ao Camarada Gonzalo e a seu justo e correto Pensamento Guia, concepção que guia nossa Revolução e a Revolução Mundial, quarta espada do Proletariado; da mesma forma aos organismos centrais de Direção do Partido e à nossa política estratégica principal: Desenvolver a Guerra de Guerrilhas!

Desde o começo suas palavras, quase silenciosas, descarregam uma contundência profunda. Prossegue:

— Vivemos os momentos mais gloriosos em nossa pátria, nunca antes a uma geração lhe correspondeu cumprir com tão altos deveres. Nós, os melhores filhos do povo, aceitamos o chamado do Partido Comunista que levanta em armas o campesinato pobre, principalmente. A palavra empenhada do Partido está concretizada na Luta Armada e no Desenvolvimento da Guerra de Guerrilhas. O Partido Comunista é a força núcleo que dirige nossa causa. O Pensamento Guia do Camarada Gonzalo é o sustento de nossa causa. O Pensamento Guia do Camarada Gonzalo é o sustento de nossa Linha Política e Linha Militar como

centro do mais alto cume da ideologia do proletariado, a principal arma com que contamos para derrotar o inimigo, garantia do triunfo de nossa Revolução, dos planos e de todos os triunfos. Assim, companheiros, a Revolução Peruana é a maior epopeia e nossa Chefatura, mando supremo e condutor da mesma. Tudo isso exige de nós em primeiro lugar, alta sujeição e grande iniciativa.

Prossegue: — Como podemos ver e sentir, são as próprias massas, o campesinato principalmente pobre, nosso sustento e apoio. Não esqueçamos jamais, companheiros, a nossa condição. Somos partidários da teoria da onipotência da Guerra Revolucionária. Só com os fuzis se transforma o mundo. Assim, a guerra decide tudo. Isto é, decide o destino de nosso povo e foi ele quem tomou em suas mãos armadas seu próprio destino, dirigido por nosso Partido. Temos uma Guerra Camponesa dirigida pelo proletariado que avança pujante e vitoriosa e o triunfo está garantido pelo Presidente Gonzalo. Como ele diz, estamos condenados ao triunfo. Linda condenação. Somos guerrilheiros e cumprimos as tarefas políticas da Revolução. Hoje servimos para abrir Zonas Guerrilheiras em função das Bases de Apoio, que são a própria essência da nossa Guerra Popular que segue o caminho de cercar as cidades a partir do campo. Assim devemos dimensionar o que vamos fazer. Isto demanda atuar com máxima disciplina, máxima decisão e máximo heroísmo revolucionário. É a política do Partido que nos faz poderosos e ela se reflete no vigor do ânimo. Não só sabemos o que queremos, mas como conseguir, por isso venceremos. Só estão nas batalhas os que podem ganhar e esses somos nós. Somos justiça popular em marcha, martelo e escudo do nosso povo, esses somos nós, nós. Por último lembrem-se que a vitória ama o esforço e a persistência, para nós não há cansaço nem fadiga. Nossa vida a entregamos ao Partido, à classe e ao povo; somos os que desafiamos a morte e lhe arrancamos louros. Servir ao povo é a razão de nossa existência.

— Companheiros, não esqueçamos nem um minuto o que nos ensina o Camarada Gonzalo: o novo poder palpita em nossas mãos e mexe em nossos corações. Para cumprir cabalmente não podemos nos distanciar nem um milímetro, nem um segundo, do Camarada Gonzalo.

Nele reafirmo e renovo minha sujeição incondicional.

— Bem companheiros — disse Carlos — podem intervir para dar seu compromisso. Logo daremos os detalhes do Plano.

Tomamos cada um a palavra. O que havíamos escutado estremeceu as profundidades de nossa alma e assim com esse espírito aceso e belicoso, ardendo de paixão revolucionária, demos a palavra de compromisso e sujeição plena, total, cabal ao Partido, à nossa chefatura e ao plano. Expressamos nossa disposição de ser parte do custo e de manter a regra de ouro em qualquer circunstância. Carmela foi a primeira a tomar a palavra e eu o último.

— Companheiros — disse Carlos — todos refletem um bom espírito partidário. "Quem não teme morrer cortado em mil pedaços, se atreve a desbancar o imperador". Também dou o compromisso de ajustar-me 100% ao Pensamento Guia e ao plano do Partido, cumprir e fazer cumprir o estabelecido. Nossa chefatura estabeleceu a lei dos 5 passos para executar ações. Esta é uma conquista importante. Primeiramente, o reconhecimento do objetivo foi estabelecido e investigado minuciosamente como é o estilo partidário. Se trata do posto policial de San Jose de Secce. O planejado se ajusta ao plano estratégico e à política de Abrir Zonas Guerrilheiras em função das Bases de Apoio. Quanto aos preparativos, vamos atuar como pelotão. Já conhecem os responsáveis, se algo acontece ao companheiro Jorge, a companheira Carmela o sucede no mando e Hernán assume se este que fala tenha algum acidente de trabalho. Também conseguimos os materiais, que logo veremos. Assim companheiros, o reconhecimento, o plano e os preparativos estão garantidos, e o que cabe é passar ao quarto passo: a execução. O balanço faremos depois da retirada.

Sobre a terra ele faz um mapa, amplo e grande. Desenha com uma faca e continua falando.

— A duas horas daqui está o ponto que vamos atacar. Em frente a este parque fica o posto. Segundo a investigação há de quatro a seis guardas. Como veem — assinala na terra — o posto tem dois andares. No primeiro estão os escritórios e os materiais que nos interessam,

que às vezes são levados ao dormitório. Em cima, vejam bem, há dois quartos. Cada um com portas independentes. Aqui é para onde vamos nos dirigir em primeiro lugar. As seis da tarde vão para o seu ninho. A escada é de madeira e é preciso subir sem fazer ruído. Estaremos distribuídos em grupos de quatro cada um e a irrupção será simultânea, atenção, simultânea em cada quarto. Ambos procederão com a máxima decisão. Hernán, Enrique, Lucho e Miguel entrarão à esquerda e Júlio, Jorge, Carmela e eu ao outro. Esta é a força principal do pelotão. Na retaguarda haverá quatro e mais dois vigias que ficarão em baixo e servirão de nexo entre um e outro. Portanto, Javier e Aldo irão à primeira esquina do parque. Rubén e Santiago à outra. Assim dominarão estes quatro lugares, assinala o plano. É esta a distribuição de forças. Alguma pergunta? — interroga.

— Sim, não enxergo bem — diz Nacho — de repente perco algum detalhe.

— Tá, então você troca com Santiago, de acordo? Perguntem companheiros, tudo deve estar claro.

Todos concordaram, tudo estava claro e compreendido. Prossegue.

— Uma vez rendidos os guardas recolheremos de imediato as armas e materiais. Não vacilem em disparar se for necessário, mas atenção, uma vez que se renda, aplicamos nossa política partidária de prisioneiros de Guerra. É preciso amarrá-los e amordaçá-los bem. Um objetivo secundário é o Conselho Municipal que está ao lado do posto, aí também há material que o Partido necessita. Entraremos segundo as condições, é mais simples e o faremos pelo térreo. Todos se sujeitarão ao que se mande. É indispensável uma alta sujeição ao mando, porque o mando manda, de acordo? Isso não é demais repetir. Hoje às doze faremos o trabalho. Daqui sairemos com três horas de antecipação. É suficiente, alguma pergunta mais?

— Para onde vamos levar o material? — interroga Nacho.

— Até Lirio, dali uma parte vai a um lugar e a outra virá com a maioria que se dirigirá a um outro ponto. Mais que isso não deve saber

companheiro, pelo menos por enquanto — sentencia Carlos.

Todos estamos com um estado de ânimo otimista e sereno. Os materiais para a ação são postos sobre plástico. Quatro revólveres, três calibre 38 e um de festim, e duas bandeiras vermelhas com a foice e o martelo cuidadosamente dobradas. De imediato os puseram de lado. O resto era bolas de "chocolate" ou velas, como as chamam na cidade.

— Os da retaguarda — fala Carlos — peguem quatro bolas cada um. Estes dois revólveres serão levados por Hernán e Enrique. Carmela e eu levaremos os outros. Cada um de nós teremos duas bolas e os demais três. Vão pegando as coisas. A potência de fogo é suficiente. O objetivo não é explodir o posto, se tivermos que disparar o faremos sem falhar, as munições estão contadas. Adrián nos dará os capuzes, serão para os da irrupção. Os fósforos estão nesta bolsa — assinala a parede — colem nos seus cintos com durex, aqui tem. Nós com os revólveres prendemos nos cabos. As mechas duram 5 segundos. Não devem haver acidentes, abram a boca e atirem. Estão bem preparados, lhes asseguro. É tudo. Se antes não querem dizer algo, vão descansar um pouco. Durmam tranquilos, o corpo necessita. Adrián sabe a que hora deve nos acordar.

Nos acomodamos o melhor que pudemos, enquanto Jorge, Carlos, Carmela e Hernán viam algumas coisas. Em suas mãos tinham as bandeiras e falavam quase em silêncio. Logo dormi, como os outros.

Deviam ser sete da noite quando Adrián começou a chamar. — Ricchary cheicenã cumpafieru kuna. (Despertem, companheiros).

Todos ficamos de pé e, como se houvéssemos estado sonhando com o "chocolate", olhamos a bolsa na parede. Carmela a pegou. Cada um fazia o que devia, enquanto Adrián apressava Asunta para que acabasse com os capuzes, e ele mesmo costura ou tece com presteza. A água em fogo baixo está quente. As crianças dormem sem imaginar o futuro brilhante e belo que lhes espera. Não chegarão a ver o sofrimento, a fome e a ignorância que coube a seus pais, terão, no entanto, que arrematar a obra.

Asunta e Adrián acabaram. Carlos cobriu a cara com um ca-

puz, era vermelho. Eles, amorosamente, haviam se dado ao trabalho de tecer passa-montanhas[24] vermelhos. Asunta, apressada, nos serve um chazinho de camomila sem açúcar e dois pães *chapla*[25] para cada um. Nos atendia carinhosamente e rapidamente, seus olhos brilhavam profundamente de alegria, estava com a nossa causa, queria ver o poder político nas mãos do povo. Sabia porque lutávamos.

Em um canto, Carmela conversa com ela perto do fogo, tomando o chá. Numa conversa animada falam apaixonadamente do trabalho de massas do Partido, das Escolas Populares, do Movimento Feminino Popular e do problema do confisco de terras.

— Devemos desencadear a fúria da mulher como uma poderosa arma revolucionária, lutar por isso, somos a metade do mundo. A história de nosso povo dirigido pelo Partido Comunista exige que cumpramos bem nosso papel. Sem a ativa participação da mulher, a revolução não pode triunfar.

Era emocionante escutá-las; falavam em quéchua. Adrián nos contava como o trabalho do Partido ganhava a mente e o coração de novos homens e mulheres, especialmente jovens. As Escolas se multiplicam, nos dizia sorridente. E assim, conversando e conversando terminamos todos juntos. Foi passando a hora. Adrián nos deu três cordas compridas.

— Já são oito e cinquenta — diz Jorge olhando seu relógio.

— Devemos ir, a vitória nos espera — interveio Carlos, alegre — é uma boa hora para ir sem apuro.

Saímos da casa, agradecendo por tudo. Carlos lhes disse que não se preocupassem e que logo teriam notícias. Vão com cuidado, nos disse Adrián que carinhosamente estava abraçado com Asunta. Antes de sair voltei os olhos e notei em seus olhares brilhantes, a esperança depositada no Partido, sua ilimitada confiança. Viam no pelotão os guerrilheiros livres que pelos Andes e Vales vão escrevendo a verdadei-

---

24 Gorro de lã que cobre a cabeça e o rosto, para proteger do frio.

25 *Chapla* é um tipo de pão comum na região andina, achatado efeito com pouco fermento.

ra e definitiva história do nosso povo.

Em poucos minutos chegamos a planície. Caminhamos com dois da contenção na frente, no meio os companheiros da irrupção e o resto vinha atrás. Em duas horas e meia, em uma passada normal, chegamos a Lirio. Avançamos até um lugar, que o Mando Militar já havia combinado com os que iam na cabeça.

— Todos deixaremos nossas coisas aqui. Temos que ocultá-las bem. Só devemos ficar com o material e a roupa leve. Já estamos perto.

Os corações batem mais aceleradamente, se fala pouco, a saliva flui rápido, mais que o normal. As mãos estão frias e secas por causa do clima, o nariz gelado logo ficará protegido pelo passa-montanha. Na memória fluem recordações de ações anteriores. Todos estamos convencidos da justa causa que nos move para agir. A ação está calculada e preparada a partir do ponto da correlação de forças entre as duas colunas. Frente a nós estava uma prova de coragem e a cumpriríamos.

— Daqui em diante vamos em dois grupos — afirma Carlos — na entrada nos separaremos. A retaguarda segue pela estrada até colocar-se em seu posto, nós da irrupção daremos a volta no posto. Está bem?

— Sim — respondemos todos. Apertamos nossas mãos. Êxito, companheiro, êxito companheira, êxito. Nos despedimos com a certeza de que todos cumpriríamos nossa jornada.

Às cinco para as doze, os oito companheiros de ataque entram em San Jose de Secce e se espalham em meio a um silêncio sepulcral. Nós, os demais, seguimos depois. Ao longe distinguimos o Parque. A noite fria e tranquila ignora nossos passos. Melhor que assim seja.

De repente o silêncio é quebrado. Um cachorro aparece. Isso poderia botar tudo a perder, despertar os guardas e alertar o poder local. Santiago se aproxima e depois corre como se estivesse de regresso. O cachorro lhe segue. Ladrava e ladrava, e não se aproximava para não deixar-se agarrar. Como é certo que cão que ladra não morde.

Todos já estávamos em nossos postos de combate. Santiago

regressa e o cachorro continua ladrando com intervalos. Ao que parece as pessoas já estavam acostumadas com estes latidos. Logo afastou-se sozinho, como se pressentisse algo.

O pulso bate como quando um taroleiro toca seu instrumento. Os minutos parecem horas. Finalmente sobem os oito, já os vejo passar. Estão com a cara coberta. Em alguns segundos tudo estará decidido. Dilatar o tempo é perigoso.

Dois golpes contundente. Secos. As portas cedem apenas com uma fração de segundo de diferença. Foi tal a arrancada que nem a porta viu os guerrilheiros passarem. Viva a Luta Armada! O grito rasgava a noite violentamente. Sob a mira de revólveres e "chocolate" pronto, os que ocupavam o posto acreditavam estar em um pesadelo. Não entendiam nada, tudo foi surpreendente para eles. E a surpresa dá uma superioridade de 5 a 1.

Só havia um guarda em um quarto e uma senhora com seus filhos no outro, ao que parece ela era a mulher do comandante do posto que havia saído não se sabe para onde. Imediatamente foram amarrados pelos pés e pelas mãos. Um companheiro desceu para avisar que os guardas podiam vir de um momento para o outro. Logo subiu. As crianças tinham de três a quatro anos e explodiram em choro. Isso era um problema. Desamarramos a mulher e a levamos para junto dos filhos, no outro quarto. Os outros encontraram as chaves do escritório. Carmela havia pego balas, biscoitos e um pequeno *run-run*[26] e se pôs a entreter as crianças. Logo converteu-se na tia. A senhora era de Arequipa.

— Sou estudante — afirma temerosa — e simpatizo com vocês. Antes de me casar apoiava e tenho um irmão que é camarada. Não me façam nada.

— Então se nos conhece, por que tem medo? Se sabe bem que nós não fazemos mal aos que são do povo — lhe diz Carmela.

Talvez fosse verdade. Acontece que todos dizem o mesmo quando se encontram nesta situação. "Colaboram", "simpatizam", mas tendo uma oportunidade são capazes de lhe tirar os olhos como corvos.

---

26 Pião de corda, brinquedo de criança.

O Partido ensina a diferenciar e o próprio guarda já era apenas um prisioneiro de guerra, não era oficial e estava sem capacidade de combate. É necessário diferenciar, nosso objetivo era preciso.

O problema era atuar rápido. Controlávamos a situação e o Mando Militar estava disposto a entrar no município[27]. Três descem. Dois entram. De longe eu percebo uma melodia, muito distante. Talvez algum músico ensaiasse seu instrumento. Não havia nada alarmante. De qualquer modo, a situação não dava para relaxar. Podiam vir os guardas.

Do posto tiram duas metralhadoras pequenas, um fuzil automático, seis pistolas, uma bolsa com munições e várias *cacerinas*[28] cheias. Ao lado, com certa dificuldade, por baixo da parede de barro aparecem caixas de dinamite. Uma, duas, três, quatro, seis, oito cheguei a contar. Um rolo de mecha e várias caixas ou pacotes de fulminantes.

O tempo galopa irrefreável. Carlos desce e, ao ver todo o material encostado na parede, compreende que já não há motivo para estar mais tempo neste lugar. É arriscado e desnecessário. Os vigias pegam as *metralhetas*, conferem. Carlos sobe e dá voz de retirada.

Um fato que esquentou a noite fria foi o momento em que todos descem e as crianças perguntam a Carmela com tristeza:

— Tia, você vai voltar?

— Tia, quando você vai voltar?

— Sim, vou voltar logo. Comportem-se bem — diz ela — e não saiam.

As portas tinham uma trava por fora. Com ferro e arame foram trancadas, só poderiam abri-las por fora.

Estes retratos se veem continuamente numa guerra revolucionária como a nossa. Numa Guerra Civil as pessoas do povo tomam posição por um ou outro lado. Se polarizam, umas ao lado do Partido e outras nas fileiras da velha ordem. Os primeiros são a imensa maioria.

---

27 O autor se refere à sede do Conselho Municipal.

28 Cacerinas são carregadores ou pentes para armas semiautomáticas.

Em baixo repartimos o material e em fila indiana fomos nos afastando. As caixas de "chocolate" eram incômodas e as munições muito pesadas. No caminho de Lirio, paramos para pegar as coisas. Em volta algo remexia. Podia ser uma cilada, uma armadilha para nos emboscar e nos capturar. Não, não era isso, e sim uma raposa serrana que havia farejado alguma coisa. Seguimos adiante até Lirio, alegres, mais do que o comum, porque a ação tinha sido um êxito. Vitória do Partido, vitória do Presidente Gonzalo e nossa, seus executores.

Caminhávamos quase sem falar. Carlos rompe o silêncio e pede que nos detenhamos.

— Companheiros, aqui vamos nos separar. A companheira e eu vamos com uma parte do material para um outro ponto. O resto continua sob a responsabilidade de Jorge e Miguel. Eles sabem onde os esperam. Logo nos reuniremos em outro ponto e faremos o balanço.

Começamos a nos despedir. Levaram uma *metralheta*, três revólveres e munições. Assim, naquela noite sem chuva, ficou marcada a alegre despedida, desejando-nos êxito e sorte recíprocos. A noite sorria conosco. Antes de afastarem-se Carmela e Carlos começaram a cantar "O Guerrilheiro". Aos poucos fomos deixando de nos ver.

Havíamos reforçado mais nossa convicção na política justa e correta do Partido, em nossa infinita fé no triunfo da revolução.

Não havíamos feito outros assaltos anteriormente, nenhum de nós. Foi o primeiro de outros que fizemos a seguir. Não éramos mais do que uma parte dos combatentes do Partido Comunista. Homens e mulheres que empunham armas e aprendem a combater no curso mesmo da guerra. Assim a ação serviu para reforçar as ideias em nossas cabeças.

A condição para combater é querer combater, é nosso método principal de aprender. Aqui os homens se forjam, se temperam. Levamos a garantia do triunfo, o Pensamento Guia do Presidente Gonzalo, a bandeira vermelha com a foice e o martelo cravada no mais fundo de nossa alma, de onde brota o grito que aterra o inimigo: A REBELIÃO SE JUSTIFICA!

II

Vínhamos em retirada após o exitoso assalto. Nós doze que ficamos com a maior parte do material confiscado caminhamos em um passo normal.

A frígida noite desse janeiro contrastava com o ânimo e o espírito incandescente que tínhamos, capaz de derreter a cordilheira branca. À carga era certamente pesada. Alguém de nós sugeriu enterrar uma parte para aumentar a velocidade da marcha. Os responsáveis que conheciam o ataque seguinte nos disseram que era necessário levá-la completa.

Já havíamos caminhado alguns quilômetros e estava por amanhecer. Estávamos em grupos de quatro, cem metros entre cada um. Eu vinha no último com três dos revólveres e a pesada carga de munições. Ricardo e os outros dois levavam duas caixas de "chocolate" cada um. Na frente iam a *metralheta* e o fuzil automático, ao meio as outras pistolas, o resto de "chocolate", a mecha e as caixas *fulminantes*[29].

De repente nos encontramos com o primeiro e o segundo grupo, onde iam os mandos. Fizeram um alto para descansar aproveitando uma choça abandonada. Tínhamos fome e comemos alguma coisa. Havia começado uma densa garoa. Envolvemos todo o material em plástico.

Logo, já em marcha outra vez, cruzamos povoados, chácaras, rebanhos, etc. A terra é testemunha do passo firme que nos levava.

O alvorecer abre caminho, as densas nuvens perderam o desenho de seu aspecto compacto e deixavam penetrar as espiadas dos primeiros raios de sol. No tempo que subimos e descemos os montes, vemos camponeses e pastores, homens e mulheres de nossa serrania iniciando outra jornada de trabalho para a grande propriedade Associa-

29 Fulminantes são cartuchos usados para dar ignição nos explosivos.

tiva e não Associativa, para o Estado e o *tierrateniente*[30]; outra jornada que esgota a vida e consome vigorosas energias das poderosas massas criadoras de toda a riqueza, esses milhares e milhões de camponeses pobres principalmente, que se levantam, invadem, destroem e arrebentam como um furacão enraivecido essa grande propriedade e a servidão de opróbrio e miséria.

Voltando o nosso olhar a partir do presente vemos o significado do início da luta armada em 1980, iniciando a destruição da velha ordem e a construção da nova, que é o principal e grandioso acerto do Presidente Gonzalo, de seu Pensamento Guia. Temos gravado com chumbo as consignas do Partido: "Luta Armada!", "Governo de Operários e Camponeses!", "Abaixo o novo Governo reacionário!". Assim está surgindo hoje a primeira República verdadeiramente livre, surge das massas, ao calor da Luta Armada e ao amparo do Marxismo-Leninismo-Maoísmo, Pensamento Guia.

Já eram seis da manhã. Os pés doíam um pouco. Persistíamos com rapidez na caminhada, conversando das cada vez mais altas ações que haveríamos de cumprir para destruir parte por parte o inimigo.

— Seguramente o seguinte objetivo será outro posto, digo em voz alta.

— Não — diz Enrique, meu vizinho — Talvez se trate de algo maior, os materiais e armas que conquistamos devem ser para isso.

— Com toda esta quantidade de "chocolate", talvez iremos voar uma ponte, disse Rubén.

— Não sabem — interroga Santiago — dos arrasamentos[31] das fazendas Ayrabamba e Ayzarca[32], dos quais participaram muitos camponeses dirigidos pelo Partido? Pode-se tratar de algo parecido. Dessa

---

30 *Tierrateniente* equivale ao latifundiário, ao coronel, o dono de muitas terras que explora os pequenos camponeses.

31 Refere-se as ações de tomada e destruição dos latifúndios.

32 Essas duas fazendas de Ayacucho eram grandes latifúndios de cana-de-açúcar. As máquinas da usina foram detonadas em uma das primeiras ações do Partido Comunista que visava destruir o latifúndio e distribuir as terras que pertenciam historicamente aos camponeses da região.

maneira o Partido varre o *gamonalismo*, a base do Estado reacionário.

Desde pequeno vi padecerem de fome e miséria muitos camponeses. Quando chegam na cidade trazem os abusos dos *gamonales* de velho e de novo tipo. Um dia eram despojados de suas terras, depois golpeados, maltratados; no outro dia, mulheres, esposas e filhas violadas; mil e um abusos contra os camponeses pobres. Contra isso sempre se rebelaram, em inumeráveis lutas nas quais conquistaram e definiram direitos, estremecendo a velha e caduca ordem social ainda vigente, em todos os seus cimentos. Isso é inapagável da minha mente, e agora caminhando como parte da força armada revolucionária em desenvolvimento, me vem à memória a noite anterior compartilhando o cálido abrigo — cálido pela camaradagem — da casinha de Adrián e Asunta.

Transbordava alegria ao aparecer, em minha cabeça, o sorriso deles ao saberem do assalto exitoso ao Posto. Certamente hoje estão na base de apoio, com suas crianças já crescidas. Estarão se sentindo, como nós, orgulhosos, alegres e fortalecidos assistindo à estruturação da República Popular da Nova Democracia, que é obra das massas, do campesinato pobre principalmente, executada pelo Exército Guerrilheiro Popular, sob direção do Partido Comunista que absolutamente dirige tudo. O custo pago é mínimo comparado com os altos logros alcançados, o povo verte generosamente seu sangue que rega e frutifica nossa guerra popular revolucionária, não são mártires nem vítimas, e sim heróis onipresentes, como estabelece o Presidente Gonzalo, cujo esforço e sacrifício é mostra de crescentes ondas de vitórias que assistimos hoje, e através das quais passaremos a uma nova etapa no desenvolvimento da Luta Armada.

Já havíamos caminhado horas e numa colina o Mando Militar decidiu um novo alto. Todos tiramos os sapatos. Como de costume isso provoca risos e gozações as mais variadas. Não passaram dez minutos quando nos pusemos de pé. Ao ver que alguém se aproxima protegemos os pacotes uns sobre os outros. Era um camponês que ao que parecia — pela huaraca[33] e o cachorro que o acompanha – estava

33 Huaraca é uma espécie de estilingue ou atiradeira muito usada para caçar por várias populações indígenas e camponesas na América do Sul.

pastoreando. Amigavelmente nos diz:

— Rimay kullayki taitaikuna. (Bom dia, senhores) — e isso o faz agachando a cabeça e tirando seu gasto chapéu. O olhar profundo e um rosto que não expressa desgosto. Depois que lhe respondemos com um obrigado, nos diz:

— Haymanrichkankichic? (Para onde vão?)

Dissemos-lhe que rumo a Juisa. Olhou os pacotes sem maior suspeita. Enrique se dispõe a oferecer-lhe um cigarro e a dar-lhe outros que com gosto aceitou. Falamos de alguns detalhes do caminho e com seu débil castelhano despediu-se agradecendo.

— Gracias taitai kuna, tupanam chicama. (Obrigado, senhores, até algum dia).

— Ari tupanamchicama – lhe respondemos.

Logo se afasta e se perde à distância. Pegamos as coisas e começamos a subir um monte esverdeado e povoado de cactos e icchu[34]. Andamos algo mais que duas horas, faltava pouco para ganhar o cume, quando de repente fomos alcançados pelo mesmo homem diminuto e de tez tostada e enegrecida pelo clima. Desta vez fomos nós que lhe perguntamos:

— Para onde se dirige *tai tai*?

— Mas kani suwa kunata. (Procuro uns ladrões de gado) — responde e adiciona logo: — Manachuricuranki suwa kunata. (Não viram esses ladrões por aí?)

— Não. Não — lhe respondemos — Manam riku nikuchu (Não vimos ninguém).

Os dois grupos que iam adiante parecem entender o diálogo que estamos tendo. Não se detêm a nos esperar e mantêm a distância.

Seguimos tranquilamente o rumo, não lhes perdíamos de vista. Eram aproximadamente onze da manhã. O céu vai limpando e o am-

---

34 *Stipa ichu* é uma espécie de gramínea muito comum nos Andes que serve alimento para Lhamas e outros camélidos andinos, como vicunhas e alpacas

biente morno nos deixa sentir o bater do vento.

Quase não se prestava atenção ao que se dizia o improvisado e inoportuno acompanhante que, quando se esforçava para falar em castelhano quase não se entendia nada. Quando disse que iria conosco não houve forma de impedi-lo. O cachorro já não o acompanhava.

A subida era pesada, mas não deixávamos notar que o material a fazia mais pesada ainda.

— Ima kunatan apankunchik chaitalegapi? (Que coisas levam nestas taleigas?) — perguntou. Eu não atinei em responder nada.

— Imapas arantipag (Coisas para vender) — consertava de imediato Enrique. A cara dos demais não muda sua naturalidade.

Seguimos caminhando um pouco inquietos. Por que nos perguntou isso? Será que está suspeitando? Talvez seja simples curiosidade, pensei.

Seu olhar era estranho, profundo e taciturno ao mesmo tempo: desconfiado, perdido, interrogativo e censurador. Enfim, por que haveria de suspeitar?

O perigo que se pressente, mas não se vê, é o que mais atordoa. Havia estudado que mais vale guerra aberta que paz fingida, e isto me vinha à cabeça. Um personagem como este, que perigo poderia ser? Que estarão pensando os outros três? O que sentirão? O homenzinho está perto e não era oportuno conversar. Tinha uma preocupação, sua presença era como um espinho no calcanhar.

Ao pé do mar desta ilha, enquanto cruzam de norte a sul um bando de gaivotas quase chocando seu peito com o azul escuro da água, a atenção dos cinco tornava-se mais aguda.

— Vamos, companheiro, conte tudo de uma vez — diz Edgard a Andrés. Nós, os demais, lhe fazemos coro.

Tínhamos caminhado alguns minutos – continua – quando aparecem dois camponeses mais. Diminutos também. Tinham sapatos de

jebe[35] e não ojotas[36] . Um de aproximadamente quarenta anos e o outro um pouco mais velho. Conversavam, afastados e muito rápido, com o que vinha conosco. Certamente procuram o mesmo que ele, pensei. Já íamos em grupo de sete. Sem trocar mais palavras, seguimos um bom tempo caminhando. Um alto fazia falta. Os mandos não estavam decididos a fazê-lo. Em uma das vezes que diminuímos o passo, ao virar o rosto, pude ver a uma certa distância umas quinze pessoas que seguiam o mesmo caminho.

— Descansemos um pouquinho *taitai* — disse o que ia junto de nós. No começo nos opusemos, mas frente a insistência deles – sem segundas intenções aparentes – nos detivemos em uma *pampita*[37]. Sentados sobre os sacos, não quis tirar a mochila. Nela estavam os revólveres. Rubén distribui cigarros, desta vez a cada um e eu os acendo com o isqueiro que meu pai havia me presenteado no meu aniversário.

Já nos aborrecia vê-los, tão observadores de tudo o que traziamos e, ainda que nosso aspecto não era diferente dos da região e falávamos também em quéchua, lhes parecíamos gente estranha. Ricardo pergunta a Rubén porque os outros não haviam parado. Responde levantando os ombros e dá as últimas pitadas no seu cigarro. O vento da puna[38] leva as cinzas e as guimbas caem ao solo, uma atrás da outra.

Decidimos reiniciar a marcha. Íamos recolher as coisas, quando eles nos pedem – como se estivessem rogando – que fiquemos um momento mais. Tão lisonjeiras eram suas palavras que achamos melhor conceder-lhes o que pediam.

Já não queríamos mais continuar nesse lugar, não passaram nem três minutos e com o objetivo de alcançar rápido os demais, levantamos. Ao nos agachar para recolher as coisas, sinto uma tremenda paulada e por pouco não caio à terra.

---

35 *Jebe* é um tipo de borracha, como as que fazem galochas.

36 *Ojotas* são sandálias feitas de couro ou filamento vegetal usados pelos camponeses e indígenas.

37 Pampita, pequena planície, deserta ou com pouca vegetação.

38 Puna é um típico bioma do altiplano andino, acima dos 3500 metros de altitude com uma vegetação arbustiva e prados de gramíneas.

Tapa e chute, pauladas, chicotadas, caralhos, merdas e todos os insultos de talhe ainda maior caem sobre nós. O aparente descanso era uma cilada com hipócritas palavras de apelo. Os que vinham atrás já se aproximam e somam-se ao ataque. Jorra sangue. Estendidos, ajoelhados, caídos. Enrique tem alguma parte quebrada, sangram a sua cara. Não se escutam sons de queixa e sim de dor. Cada um tratava de reincorporar-se como podia. Santiago, que tinha uma faca na mão, abre caminho e junto com ele Rubén. Saem correndo rapidamente. Três os seguem. Eu queria pegar as armas em meio a tudo. As presilhas da mochila impedem.

Como feras que devoram suas presas nos golpeiam selvagemente com seus *cocobolos*, esse tecido de couro que forma uma bolsinha dentro da qual há uma bola de chumbo. Cada golpe com isto é como uma patada de burro que entumece o corpo de dor. Golpes e mais golpes. Quantos mais poderiam suportar nossos corpos? Não sabia. Eram uns verdugos. Nem todos golpeavam por igual. Eram um bando. Quantos sabiam o que faziam?

Consegui tirar a mochila. Enrique parecia morto, não dizia nada. Param os golpes contra ele. Vejo chegando um *agringado*[39], à cavalo – depois soube que se chamava Figueroa –, sinto que querem colocar uma corda em meu pescoço, vão enforcar-me, penso. Atravesso um corredor de pauladas, cocobolos e chutes. Venço o perigo com outro perigo.

Aproximo-me de uma ladeira e me atiro na quebrada rolando pela pedregosa e espinhosa superfície, que naquele momento nem senti. Ao rolar como um pacote pensei no final. Abaixo havia rochas, cujas pontas poderiam partir-me o crânio ou quebrar-me a coluna.

Estava em plena batalha quase sozinho contra estas bestas. Era a ideologia e a política do Partido, que dela se deriva, o que me fazia forte.

Tudo parecia perdido. Persistia, peleava, lutava. A audácia me havia feito capaz de tudo, desafiava a própria morte. O ânimo não de-

39 Refere-se a gringo, estrangeiro.

caía, mais do que nunca estava orgulhoso de ser um dos combatentes da guerra final, pela salvação da humanidade e pela paz perdurável.

Caio ao fundo e a morte não chega. Estou atordoado. Recupero-me rápido. Obrigado ao meu pai e a minha mãe por haverem me feito duro deste jeito... dou uma corrida, tinha que alcançar o monte que estava em frente. Se consigo poderei rolar e com um pouco de sorte me perderei no tupido bosque, penso em fração de segundo.

Corria e corria. O coração quase saía, não me importava. Preferia morrer mordendo meu próprio coração do que cair nas mãos das feras excitadas por sangue fresco. Olho para trás e noto que o cavaleiro vem a galope com sua arma na mão. Pego uma pedra regular. Tal foi a pontaria e a força que caiu seco como um fardo. Eu quis agarrar o cavalo... foi mais ligeiro que eu. Atrás vinha a turba. Continuo a corrida, a luta pela liberdade. Caio num pântano, do qual apenas consigo sair debatendo-me e agarrando um ramo. Ainda lhes ganho por oitenta ou cem metros.

Como humano, tinha um limite. Comecei a sentir náuseas, a cabeça dá voltas como um redemoinho, as pernas cansadas já não respondem. Caio, levanto, corro um pouco mais, volto a cair. Já estou na encosta do monte. Logo estarei a salvo. Sinto-me com o aprumo de um elefante, o peso do primeiro revés de minha vida na Guerra Revolucionária. Logo, volto a cair e fico adormecido como um menino.

Não sei quanto tempo fiquei assim. Acordo amarrado nos pés e nas mãos, junto a Enrique. Tinha a cara desfigurada. Olhando-o, via a mim mesmo. Para ele acontece o mesmo, certamente, penso. As sobrancelhas, o nariz e quem sabe que outras coisas estavam machucadas. No entanto, em meio a tudo, expressava um aprofunda satisfação, vejo em seus brilhantes olhos. Sinto o mesmo.

As mãos pareciam luvas de boxe por causa das fortes ataduras. Não o fizeram apenas por segurança, e sim por crueldade. O motivo da sua crueldade era a própria crueldade.

A roupa rasgada e ensanguentada combinava coma cara e o corpo. Dava-nos um aspecto pouco fácil de descrever. Penso nos de-

mais. Já deveriam estar inteirados. Haviam decidido prosseguir e levar o resto do material, fazê-lo no tempo previsto para o objetivo imediato. Era o mais sensato. Isso me reanima. Tampouco haviam pego Santiago e Rubén. Que bom!

Queriam continuar nos golpeando. Frente a nós estavam as armas e demais coisas. O *agringado* não estava. Quem sabe o havia matado, é justo, penso. Aproximam-se para atirar com os cocobolos. Enrique, esforçando-se fala em quéchua.

— Guerrillerum kanchic luchanchi kaniku pubre kunapag... kunapa cuntrampi. (Somos guerrilheiros... lutamos pelos pobres, contra os ricos).

Alguns se surpreendem, outros não fazem caso... quase em uníssono repetimos:

— Manamsuachukanikum... Guerrilleru kunam kaniku. (Não somos ladrões... somos guerrilheiros).

Há certo desconserto, que é quebrado ao chegarem o *agringado* e mais um outro, também à cavalo, com o sobrenome La Rosa, e com a arma na mão. Babando crueldade e encarnando a maldade da velha ordem reacionária incentivam para que sigam nos golpeando. Fazem de imediato. Enquanto isso, nos atam no arreio de cada cavalo. Logo seríamos arrastados. Correndo, caindo, saltando, fizemos o retorno ao posto. Quatro ou cinco horas demorou o regresso a San Jose de Secce. Eram aproximadamente cinco da tarde. As nuvens escuras anunciam uma noite de chuva e tormenta. O tenente-governador La Rosa, o cabo Figueroa, quatro warayoc[40] e alguns *cabezas negras*[41] mais nos traziam satisfeitos. Três ou quatro camponeses vêm também.

— Esse poder local e as *mesnadas*[42] a serviço dos fazendeiros estão muito bem golpeados, companheiros — diz Andrés com alegria: — Desta maneira o Partido desconjuntou o *gamonalismo* e está des-

---

40 Warayoc, líder tradicional escolhido pela comunidade.

41 Traidores do povo, delatores, colaboradores que atuam para a contrarrevolução.

42 Mercenários. Pessoas que se vendem contra o povo.

truindo a feudalidade. Arrasamento atrás de arrasamento permitem que o campesinato se aproprie da terra, ocupando, ou seja, não se sujeitando à legalidade burguesa, e invadindo, quer dizer, recuperando suas terras sob a direção do Partido e protegidos pelo EGP. O Partido quebra a dominação imperialista e a subsistência da feudalidade, assim destrói o capitalismo burocrático. Com o aumento das colheitas, trabalho e plantios coletivos nós chegaremos a repartição de terras neste decisivo período de dois anos estabelecido pelo Presidente Gonzalo. Assim entendemos todas estas notícias que vemos nos jornais e principalmente as notícias de nosso povo e sobretudo o que nos ensina o Partido, porque tudo isso tem a ver com hoje, quando estamos estruturando a RPND[43] desafiante à luz do mundo. Tem a ver com o grande salto que irá impulsionar grandemente o desenvolvimento da nova ordem que já é uma nova realidade em nossa pátria. E, concretamente, tem a ver com o atual Início do Grande Salto (IGS), ou seja, Elevar ao Máximo o IGS se transforma no aspecto principal, dominante na luta de classes no país. A Construção do Novo Estado é o principal. O Conquistar Bases de Apoio é o Grande Salto que estamos concretizando, fortalecendo os comitês populares, desenvolvendo as Bases de Apoio e fazendo avançar a RPND. A concatenação, a sequência consecutiva dos fatos, dos planos que explicam a política que aplica o Partido nos trouxe a tão luminosa e brilhante situação que, necessariamente, nos leva à vitória definitiva da Revolução Democrática Nacional, ao socialismo e ao comunismo, cumprindo assim um destacado papel no Movimento Comunista Internacional e tudo isto responde à justa e correta direção, da magistral condução da Guerra Revolucionária pelo nosso mando supremo o Presidente Gonzalo.

— Companheiros — nos disse Andrés — o Partido varreu o *gamonalismo* e as *mesnadas*, sua base social. Esses camponeses que nos agarraram e golpearam com ódio endemoniado não são senão a expressão da polarização de classes no campo, à medida que avança a luta armada. Eles não são outros senão aqueles que se opõem à Revolução e são poucos. Esta, em sua crescente marcha, choca e varre

43 República Popular de Nova Democracia

tudo que se opõe no caminho à vitória que estamos alcançando. Assim explicamos a notícia que lemos. Estes *paramilitares* estão à serviço do Estado latifundiário-burocrático e nós os esmagamos, os dividimos. Antes éramos os primeiros pelotões, ainda nos falta aprender a ter o olfato mais apurado. O EPG é poderoso, tudo se desenvolve ao calor da luta armada e ao amparo do Marxismo-Leninismo-Maoísmo Pensamento Guia. A Guerra Popular é a Guerra das massas, principalmente do campesinato pobre.

Finalmente no posto vieram golpes piores. As pessoas do povoado foram às ruas. Estavam aflitas pela nossa captura. Como sempre, juntos nas alegrias e juntos nos revezes, que não é outra coisa que o custo justo e necessário da revolução. Vemos olhos conhecidos ao nos aproximar mais do parque.

Nosso rosto ensanguentado traz a satisfação pelo êxito da noite anterior.

À guerra vamos dispostos a tudo, também à derrota e ao revés, que são outras caras que a vida adquire. O compromisso de guardar a *regra de ouro* lateja no pensamento e está encarnado no coração ardente.

Coronhadas, murros, o pau-de-arara não serviram para arrancar-nos confissão alguma. Travávamos outra batalha e tínhamos que ganhá-la, sem esquecer um momento a nossa condição.

Interrogaram-nos toda a tarde e à noite. — Estas armas são as que vocês levaram daqui ontem à noite, estas caixas também — afirma o Sargento: — Respondam, caralho, onde estão os outros.

— Não, não sei nada — respondemos cada um em separado — Somos trabalhadores que íamos comprar cereais em Matará... O dinheiro foi levado por estes que nos trouxeram e que quase nos mataram a golpes — disse Enrique.

— Calem-se, merdas, são cínicos. Nós vamos lhes matar se não falarem.

Chovem chutes e socos.

— Vamos fuzilá-los de uma vez — disse um cabo.

— Sim — diz o Sargento, olhando La Rosa. Levam o companheiro. Depois de uns minutos ... pam ... pam. Escutam-se uns tiros. Mataram-no, pensei. Não direi nada, disse em silêncio. Nem um momento esqueci o que ensina o Partido, que os covardes morrem muitas vezes antes de morrer. Prefiro buscar a morte do que trair. À medida que se aproxima de mim, minha coragem se agiganta. Poderão tirar a vida de um combatente, mas não o convencimento da razão do caminho escolhido.

— Tá vendo, idiota, vai falar ou se fode igual ao outro! — afirma o Sargento.

— Você é um menino. Te enganaram, os terroristas estão lhe usando. Por que é tão idiota? Pode viver muito mais. Digam-nos para onde foram os outros. Ninguém vai saber. Pensa em sua mamãe, em seu papai...

— Não sei nada. Disse toda a verdade. Se quiserem, me mate. Não sei nada mais.

Recebo um chute nos genitais, outro mais e outro e outro. Já não sinto nada. Perdi os sentidos. Deve ser a morte. Mas tampouco desta vez ela chega. Quantos golpes mais poderei aguentar? Por que demoras em chegar, morte? Me pergunto. Estava disposto a tudo, a não delatar e menos ainda de me excluir dos nossos. Devia manter altas as bandeiras da Revolução, inclusive eu mesmo devia me respeitar. Trair e viver, já não seria vida. Em minha mente retumbam as palavras do Partido… os covardes morrem muitas vezes antes de morrer. Nunca passaria para o lado do inimigo, nunca seria a vergonha dos nossos.

Jogam-me num quarto. Caio sem forças. Havia ganho a batalha. Enrique, mesmo tendo morrido, portou-se como herói.

Logo vejo que a porta se abre. Trazem Enrique e o jogam também. Ao nos olharmos ainda temos forças para sorrir sem que os cães uniformizados percebam. Já era quase de dia. Conseguimos falar algo. Nenhum tinha traído.

— Como souberam a rota que tomamos? Como, tão rápido, seguiram os nossos passos? — se pergunta Enrique.

Logo soubemos. Ao regressarem os guardas que não encontramos no momento da ação, foram procurar o alcalde[44], mas somente estava o tenente-alcalde. Fazendo uso dos sinos – como é o costume – ele convocou a população, comparecendo antes que ninguém o poder local[45]. Os camponeses conservadores, esses poucos que são a base social do Estado reacionário, foram convencidos a ir nos buscar, supostos ladrões de gado ou ladrões comuns. Inicialmente se dispersaram para reagrupar depois de uma hora. Deixamos por negligência um maço de cigarros ao alcance da raposa e o encontraram. Foi uma pista. Ao se juntar, decidem ir uns em direção a Tambo e outros em direção a Juisa. O pastor que se aproximou de nós confirmou nossa passagem e serviu de guia. Assim, aceleraram o passo e cortaram o caminho.

Bastou uma falha para que nos encontrassem; sem armas nas mãos fomos presas fáceis. Ouvi que se aprende pouco da vitória e muito da derrota. Havia comprovado. O fracasso é a mãe do êxito.

— Quisera — disse Andrés — ter mais detalhes em minha memória para lhes contar.

O Partido aproveita as lições. Como teria avançado nossa Luta Armada sem estes fatos? O sangue derramado, as torturas e a prisão não são senão outras tantas provas pelas quais passamos nós, os combatentes. A cota é modesta para tão altas conquistas alcançadas, principalmente pela magistral direção do Presidente Gonzalo e seu Pensamento Guia. Quem não quer a cota na guerra, não quer a guerra. Por isso, o esforço e o sacrifício investidos são regozijados com as conquistas alcançadas.

Enrique e Andrés foram levados a Ayacucho com o atestado de "supostos terroristas". A tortura maior é na Nona Comandância, onde seguiram mantendo a *regra de ouro*. Do cárcere saíram em 2 de março

---

44 Alcalde, o mesmo que prefeito.

45 O Poder local a que se refere é o exercido pelo warayoc e seus ajudantes, um poder informal.

de 1982, com a aplicação justa e correta da política de fuga, magistral plano do Presidente Gonzalo.

III

Já são quase cinco da tarde e a maré subiu, se sente com mais força o rugir das ondas e o sol ainda continua nos admirando.

— Vamos lavar a louça. De quem é a vez? — pergunta Armando.

— É a minha — responde Antonio.

— Terá que entrar no mar. Já acabou-se a água dos depósitos para serviço coletivo.

— Depois do toque de recolher temos estudo coletivo — recorda o Mando Político.

— Sim — respondem todos com entusiasmo.

Aqui chega a seu fim o relato de uma pequena parte de nossa invencível Guerra Revolucionária, uma das mais de 16 mil ações armadas dirigidas pelo Partido Comunista do Peru.

LTC[46] – 03/12/1984

46 LTC: Luminosa Trincheira de Combate, designação que combatentes do EGP e militantes do Partido Comunista do Peru deram aos locais onde estão presos; parte da política partidária de transformar as prisões em centros de estudo e de trabalho coletivo, como forma de resistir aos planos reacionários de aniquilamento movidos dentro das prisões pela reação. No caso, a LTC citada é a Ilha de Frontón, Peru.

"UM DOS PRIMEIROS..." é o nome de uma crônica que retrata acontecimentos da vida e história recente do Peru. Ela foi escrita em dezembro de 1984 por um prisioneiro de guerra, encarcerado no presídio da Ilha de Frontón. Baseada no relato de "Andrés", guerrilheiro do Partido Comunista do Peru, como ele, conta uma ação armada em que participou, realizada pela guerrilha em algum lugar dos Andes, no ano de 1981.